



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A DIMENSÃO EDUCATIVA DO MST - BA: DA SUBVERSÃO À SUBMISSÃO AO CAPITAL⁴³⁸

Arlete Ramos dos Santos*
(UESB)

RESUMO

Nesse artigo analisou-se a relação do MST com a burocracia estatal na Bahia, tendo como foco as contradições vivenciadas pela gestão educacional do Movimento. Para isso, foi considerado que a burocracia estatal é um elemento de controle e poder hierarquizado do sistema capitalista; e o MST surgiu com propósitos de um sistema socialista, valorizando a coletividade. Foi utilizada a metodologia qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica. Fizeram parte da pesquisa como sujeitos, membros do MST que ocupam as funções de direção ou coordenação regional, estadual ou nacional do Movimento, e também os que fazem parte da gestão escolar. Foi possível concluir que, na Bahia, o MST apresenta uma crise de paradigmas com divergências de opinião entre os dirigentes nacionais e estaduais, não se consolidando como movimento revolucionário. Ao contrário, busca um viés parlamentar e faz alianças com o agronegócio, se submetendo aos desígnios do capital.

PALAVRAS-CHAVE: capitalismo; MST; socialismo.

INTRODUÇÃO

Esse artigo faz parte de um recorte da pesquisa de doutorado da autora, na qual foi analisada a relação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com a burocracia estatal na Bahia, tendo como foco as contradições vivenciadas pela gestão educacional do Movimento. Para isso, foi considerado que

⁴³⁸ Este texto é parte integrante da pesquisa de doutorado realizada com bolsa financiada pelo CNPq, cujo título é: "Ocupar, resistir e produzir, também na educação: o MST e a burocracia estatal: negação e consenso". FAE/UFMG, 2013.

* Doutora em Educação (FAE/UFMG), professora Assistente da UESC, Coordenadora do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Ciências Humanas (CEPECH - UESC). Endereço eletrônico: arlerp@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

a burocracia estatal é um elemento de controle e poder hierarquizado do sistema capitalista; e o MST surgiu com propósitos de um sistema socialista, valorizando a coletividade. Assim, nesse pequeno recorte será tratado tão somente das relações contraditórias vivenciadas pela MST entre os sistemas capitalista e socialista, e como este Movimento se configura na atualidade quanto aos aspectos educacionais e político-ideológicos. A metodologia foi qualitativa, de natureza exploratória, por meio da utilização de entrevistas semiestruturadas e revisão bibliográfica. Fizeram parte da pesquisa como sujeitos, membros do MST que fazem parte da direção ou coordenação regional, estadual ou nacional do Movimento. Durante a realização das entrevistas, a pesquisadora se encontrou com quatro dirigentes nacionais (Ademar Bogo, João Pedro Stédile, Márcio Matos, Neuri Rossetto e Vera Lúcia Barbosa), os quais aceitaram, também, ser entrevistados, tendo contribuído para enriquecer os resultados da pesquisa

O MST surgiu no Brasil na década de 1980. Destaca-se como movimento social do campo brasileiro que tem como bandeira de luta a reforma agrária e a transformação da sociedade. Tem também se destacado, dentre os movimentos sociais da atualidade, pela capacidade de agregar valores sociais e culturais, com base nos ideais marxistas. Por isso, é comum encontrar, nos referenciais dos seus intelectuais orgânicos (BOGO, 2008; STÉDILE, 1993; CALDART, 2004) interpretações da concepção do materialismo histórico dialético (MARX; ENGELS, 2005), especialmente com as categorias: contradição, ideologia, luta de classes, modo de produção e classes sociais.

É importante destacar que, apesar de o estado da Bahia ser dividido em Territórios de Identidade pelo governo estadual, a partir de 2003, o MST continuou utilizando, para se referir às suas áreas de abrangência, o termo '*regional*', como já vinha sendo denominadas antes suas áreas de assentamento e acampamento, sendo nove regionais no Estado para esse Movimento: Sul, Extremo Sul, Baixo Sul, Chapada Diamantina, Recôncavo, Sudoeste, Oeste, Nordeste e Norte. A definição dada para o termo *regional* pelo MST aproxima a visão de territorialidade como



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

conquistas de espaço com base no coletivo, em que o critério para a territorialização passa a ser a garantia da terra como um espaço, a partir de lutas políticas dos trabalhadores (RAFESTIN, 1980, p. 158)

O MST, sendo um movimento social popular, se torna educador como um sujeito pedagógico que busca uma identidade coletiva forjada intencionalmente por meio da participação dos trabalhadores na luta de classes. Assim, “[...] é através de seus objetivos, princípios, valores e jeito de ser que o Movimento intencionaliza suas práticas educativas, ao mesmo tempo em que, aos poucos, também começa a refletir sobre elas” (CALDART, 2004, p. 316). As experiências educativas dos movimentos sociais populares do campo têm sido identificadas como educação popular. Nelas estão inseridas suas formas de organização e de luta pelos seus direitos, em que há o enfrentamento ao capital, representado, na atualidade, pelo agronegócio no campo, bem como aos representantes dos poderes públicos que agem como Estado repressor, no sentido de coibir a luta pela terra.

Nesse sentido, a práxis educativa do MST, como é mencionada nos seus princípios educativos, acontece de forma integrada, envolvendo as questões políticas, culturais, econômicas, ideológicas. Para o Movimento, “[...] não deve haver separação entre o que está acontecendo no assentamento e o que é trabalhado em sala de aula. A escola deve ser essencialmente prática, fornecendo conhecimentos capazes de influenciar no trabalho e na organização da nova vida”. (MST, 1990). Mas é preciso que se tenha o cuidado necessário para não cair num pragmatismo exacerbado, deixando de fazer as reflexões necessárias para a integração teoria-prática. O termo práxis, observando os Cadernos de Educação do MST, está relacionado ao sentido filosófico atribuído pelo marxismo que nega tanto o materialismo vulgar quanto o idealismo. Ou seja, a práxis marxista supera a visão de prática como fim em si mesmo, como interpretação do mundo e avança na perspectiva da transformação social.

Apesar de esse ideário marxista estar explícito na perspectiva educativa do MST, cabe destacar que tal forma de concepção teórica para a transformação tem sofrido mudanças nesse Movimento. Nessa pesquisa, foram verificadas algumas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

contradições entre os dirigentes nacionais do Movimento, e os demais sujeitos entrevistados, no que se refere ao objetivo de analisar, com base na gestão educacional, à luta para a mudança paradigmática em direção ao socialismo, numa sociedade capitalista.

Para chegar aos resultados que aparecem nas entrevistas, o caminho percorrido foi, primeiramente, certificar se o MST, atualmente, ainda tem como norte o socialismo na perspectiva marxista, como aparece nos objetivos do seu 3º Congresso Nacional, “Difundir os valores humanistas e socialistas nas relações sociais” (MST, 1995). As respostas encontradas apresentam contradições teóricas, dando a entender que o MST está mudando o seu discurso teórico do paradigma de sociedade que propõe. Para tal questão, os nomes dos dirigentes nacionais não serão identificados, utilizando, apenas os numerais 1, 2 e 3. Para os demais dirigentes estaduais das regionais, serão utilizados os nomes das regionais. Então, quando questionados se o MST ainda tem o socialismo fundamentado em Marx; Engels (2004) como objetivo, as seguintes respostas foram apresentadas:

Dirigente Nacional 1 – Não significa que somos fechados em torno de um pensador, de um elaborador do marxismo. O Marx é uma referência básica e após o Marx vieram outros que desenvolveram algumas ideias, mas cada qual tem a sua contribuição. Não somos nem pautados somente em Marx, nem puramente leninistas, nem puramente gramscianos. Valorizamos todos esses indivíduos, e temos a nossa própria realidade, construída pelo nosso próprio pensamento. (ENTREVISTA REALIZADA EM 20/11/2011).

Dirigente Nacional 2 - Nós não gostamos de usar esses rótulos de marxistas, leninistas. Nós achamos que isso é uma deformação da teoria, porque os pensadores no seu tempo histórico, eles utilizaram métodos de análise da realidade críticos ao capitalismo. E aqui no Brasil, além daqueles clássicos que estão representados por Marx, por Hegel, Engels, houve muitos pensadores que se utilizaram do método crítico para analisar a realidade brasileira. Desde Caio Prado, Darcy Ribeiro, Paulo Freire, tá? Então, o que nós dizemos? Que a nossa militância precisa se apropriar de todos esses conhecimentos e buscar em cada um desses pensadores, sejam os clássicos, sejam os brasileiros, a teoria necessária que



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

nos ajuda a explicar melhor a realidade de nosso meio. *Então nós temos que ser plurais nas fontes teóricas aonde buscar o conhecimento (grifo nosso).* (ENTREVISTA REALIZADA EM 23/08/2012).

Dirigente 3 – A gente não tem uma receita pronta. Não é o socialismo que nós tivemos na União Soviética, nem é o socialismo que nós temos em Cuba. Ele prontamente não se aplica a nosso país. Nosso socialismo é o nosso horizonte, é a nossa ideologia. Mas a sociedade tem que se dispor a construir um modelo de acordo a realidade de nosso país, de nosso povo. Essa não é uma receita pronta, mas a gente crê que esse modelo tem que ser construído com a participação popular, por que ninguém é dono da razão e tem condições de apresentar um modelo próprio pra nossa sociedade. (ENTREVISTA REALIZADA EM 30/07/2012).

Observa-se a proposição de uma pluralidade teórica com base nas mudanças sociais. Isso pode demonstrar fragilidade na práxis educativa do MST, enquanto Movimento de transformação social, pois existem referenciais na literatura mais atual do Movimento que apresentam interpretações numa perspectiva de fragmentação social. Estudando as propostas do MST, é possível perceber uma cisão nos seus referenciais já no final da década de 1990. Antes disso, as discussões marxistas se destacavam, e depois, aconteceu uma abertura para um leque de visões sociais.

No que se refere ao aspecto político, na Bahia, o MST tem apresentado por parte de alguns dirigentes, não uma proposição socialista, mas sim, uma inserção ao capitalismo por meio de alianças com o agronegócio, o que contradiz veementemente aos objetivos que estão na gênese do Movimento, entre eles, a luta pela reforma agrária e contra o latifúndio. Tal afirmativa pode ser confirmada por meio da reportagem que afirma que o MST – BA está realizando parcerias com a Fíbria, uma empresa de papel e celulose que detém quase 170 mil hectares de eucalipto no Extremo Sul da Bahia⁴³⁹, e explora trabalhadores, contribuindo para o

⁴³⁹ Fonte: *JornalValor Econômico*. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/rn/noticia.php?id_noticia=189167&id_secao=8.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

êxodo rural. Nessa parceria, o MST desiste de fazer ações de reintegração de posse para que a Fíbria invista em um projeto agroecológico para assentados. Para o presidente da referida empresa, José Penido, “É um marco no convívio do agronegócio com a agricultura familiar”. Nessa reportagem um dirigente nacional do MST - BA faz a seguinte declaração: “Chegamos a um novo paradigma de negociação entre passivos, diálogo que surgiu a partir das relações conflituosas e se repetirá entre as empresas do setor”. Essa parceria é lamentável do ponto de vista da classe trabalhadora que acredita no ideário propugnado pelo MST de luta por transformações na sociedade, o qual não será possível dialogando e fazendo parcerias com os capitalistas.

Outro fator que merece destaque sobre o MST – BA é a opção para estabelecer correlação de forças com a classe dominante por meio da via parlamentar. Pois é possível identificar a opção política que o Movimento fez no Estado, no sentido de apoiar o governo do Partido dos Trabalhadores (PT) e assumir cargos burocráticos. Atualmente, existem vários militantes ocupando funções burocráticas e políticas do governo na Bahia e, a nível nacional o Movimento tem apontado para a via do diálogo com o governo, o que não tem contribuído para aumentar os assentamentos no país, ocorrendo, assim, uma institucionalização do Movimento e a fragmentação da luta dos trabalhadores sem terra, deixando para trás o objetivo do projeto histórico socialista para transformar a sociedade.

Assim, cabe questionar como o MST, que surgiu almejando uma transformação social com base nos interesses da classe trabalhadora, conseguirá atingir tal objetivo, se ao invés de fazer o enfrentamento ao capital, tem optado, na Bahia, pela estratégia de se aliar ao Estado e ao capital, o que, de certa forma, pode contribuir para uma diminuição da força desse movimento social. Outro fator que merece destaque é que, ao lutar pela implementação de políticas públicas pontuais por meio dos seus representantes, o MST deixa de fazer a luta de classes, capaz de



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

forjar as condições objetivas reais para a verdadeira transformação social, como preconiza o socialismo, e passa a receber, apenas, pequenas conquistas, *in loco*, do governo, por meio de reivindicação dos representantes de cada regional.

No tocante ao campo educacional, Vendramini; Machado (2011) elaboraram um estudo das teorias que perpassam o campo epistemológico da proposta educacional do MST, e identificam quatro correntes predominantes: a Educação Popular, a Pedagogia Socialista, a Pedagogia em Movimento (MST) e a Educação do Campo, todas situadas no campo progressista e contra-hegemônico. Para estas autoras, a Educação popular e a Pedagogia Socialista estão na base da formulação educacional do MST, sendo estas correntes que predominaram na elaboração das perspectivas educacionais do Movimento. No campo da Educação Popular, como referencial para o Movimento, destaca-se a influência dos estudos de Paulo Freire, com suas análises sobre a influência da política na educação, a pedagogia do oprimido, a ênfase no diálogo e a importância da participação na coletividade.

Na educação, as categorias evidenciadas na proposta educacional do MST são: transformação social, formação integral e trabalho coletivo. De acordo com Garcia (2009, p. 116), essas categorias estão presentes na maioria dos documentos elaborados até finais da década de 90, assinalam os principais pressupostos ou fundamentos teóricos da proposta, deixando explícito um campo epistemológico ligado ao marxismo.

O Caderno de Educação nº 08, traz, explicitamente, comentários que fazem parte do ideário marxista, no 4º princípio, e que diz respeito aos “valores humanistas e socialistas”. O referido material traz o seguinte destaque, ainda de forma mais clara:

Estamos chamando de valores humanistas e socialistas aqueles valores, então, que colocam no centro dos processos de transformação a pessoa humana e sua liberdade, mas não como indivíduo isolado e sim como ser de relações sociais que visem a produção e a apropriação coletiva dos bens materiais e espirituais



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da humanidade, a justiça na distribuição destes bens e a igualdade na participação de todos nestes processos (MST, 1995).

Tais orientações político/ideológicas não são observadas nos Cadernos “Por Uma Educação do Campo” bem como outros textos oriundos dessa nova fase, ou seja, da luta por uma educação do campo. Esse recorte epistemológico é visível em virtude da ocorrência de referenciais teóricos que se distanciam das prerrogativas socialistas, as quais anteriormente foram apontadas na maioria dos textos do Dossiê MST-Escola (1990-2001).

Ao analisar as entrevistas feitas com os dirigentes estaduais do setor de educação do MST, nas regionais da Bahia, percebe-se um antagonismo em relação às entrevistas dos dirigentes nacionais, pois enquanto se verifica, teoricamente, esse conflito epistemológico de falta de uma teoria específica norteadora dos trabalhos no Movimento, as entrevistas a nível estadual revelam que ainda existe uma forte presença do pensamento socialista no trabalho educativo sendo direcionado nas escolas, porém, com muitas dificuldades para superar o processo contraditório imposto pelo sistema capitalista, principalmente, no que se refere ao corpo de professores que possuem formação tradicional.

Outro elemento é a educação familiar que os alunos recebem, a qual está imersa no ideário do sistema capitalista. Mesmo que os dirigentes nacionais expressem, nesse novo contexto, um momento de indefinição e de construção de uma teoria social a ser seguida, ficou evidente que esse é um aspecto novo, com novas concepções epistemológicas ainda não apropriadas pelas lideranças estaduais uma vez que a predominância nas falas sobre os aspectos político/ideológicos presentes nos referenciais marxistas ainda continuam muito presentes por meio das contradições e da necessidade de superação do sistema capitalista, com a contribuição da educação.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Olha só, nossa construção teórica é de uma educação realmente socialista, para formar cidadãos, realmente, como seres humanos e com uma consciência crítica e política, conhecendo o mundo capitalista e criticando. Só que as coisas não são assim, porque às vezes tem coisas que a gente faz na prática da escola, e quando a gente analisa, foi uma prática orientada e influenciada pelo sistema capitalista. Então nós não podemos dizer que todos os dias na escola as práticas são socialistas. Essa é nossa intencionalidade, mas nós temos professores que foram formados com valores tradicionais e que são influenciados pelo sistema capitalista. A família também tem uma formação capitalista. Então esses valores vão mudando aos poucos quando passam a ser influenciados pela formação que recebem quando chegam ao MST. (COORDENADORA ESTADUAL DO SETOR DE EDUCAÇÃO DA REGIONAL SUDOESTE, ENTREVISTA, REALIZADA EM 06/09/2011).

Acredito que nessa linha que a gente defende, a pedagogia é a partir da formação do indivíduo e não ocultando certas coisas. Porque eu conheço a realidade de fato, e a gente trabalha no sentido da pedagogia socialista. Mas é difícil porque tem uma rejeição, uma barreira. Sempre a educação no nosso país é aquela tradicional. Então, para você romper isso depende de muita luta mesmo, a gente enfrenta muita dificuldade. (DIRIGENTE DA REGIONAL BAIXO SUL, ENTREVISTA RELIZADA EM 20/11/2011).

Eu acho que a pedagogia socialista tem tido avanços nessa construção se você observar os últimos 15 anos. Mas existem vários problemas. Eu acredito que a primeira coisa é que estamos numa estrutura capitalista na própria escola hoje. O nosso papel é dar um outro significado à escola, e a gente entende que ela deve ser pública, gratuita e de qualidade [...]. (DIRIGENTE DA REGIONAL SUL, ENTREVISTA REALIZADA EM 10/06/2012).

A pedagogia do MST tem dificuldade para ser implementada porque é diferente da capitalista em todos os aspectos. Primeiro porque a pedagogia capitalista prepara para o mercado de trabalho, para a competição. E a pedagogia socialista, não. Ela prepara o educando para essa questão dos conflitos e da questão social mesmo. Para se tornar um militante, liderança, que é diferente. Não para ser competidor desse mercado de trabalho. Não porque a gente não prepara para o mercado de trabalho. Até porque a gente continua dentro de uma sociedade capitalista e não tem como a gente preparar nossos educandos e dizer que eles não estão preparados para o capitalismo. A gente precisa prepará-



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

los para fazer o enfrentamento ao capital. (DIRIGENTE DA REGIONAL CHAPADA DIAMANTINA, ENTREVISTA REALIZADA EM 10/10/2011).

Em tais entrevistas percebe-se a dificuldade dos dirigentes regionais identificarem o que, de fato, seja a pedagogia socialista. Principalmente, quando aparecem categorias voltadas para a educação na perspectiva da cidadania e da formação do indivíduo, o que denota inserção de elementos do capitalismo na forma de pensar a educação. Observa-se nesses trechos das entrevistas as contradições do sistema capitalista que dificultam a mudança de consciência em direção aos interesses da classe trabalhadora. Quando as pessoas vão para as ocupações do MST, carregam consigo valores, culturas, próprias da concepção ideológica da classe dominante na qual foram inseridos durante sua vida, constituindo-se o que Marx denomina de alienação, como uma falsa consciência da realidade, pois não percebem que são exploradas. Tais valores não mudam repentinamente. Ainda que outras formas educativas sejam trabalhadas pelo MST para a aquisição dessa consciência de classe, existe um processo de formação que implica mudanças de concepções. Para algumas lideranças marxistas do Movimento, esse processo de formação é voltado para o socialismo, e para outras, tal paradigma ainda está em construção, de acordo com o processo histórico do país.

O socialismo preconizado no surgimento do MST tem a teoria marxista como arcabouço teórico, que determina um enfrentamento ao sistema capitalista, não sua adequação, e tem clareza de quais estratégias deverão ser utilizadas para que a luta de classes aconteça. Todavia, foi evidenciada nesta pesquisa, uma crise de paradigmas no Movimento, uma vez que foi constatado que, enquanto algumas lideranças da direção nacional afirmam que o MST luta por um novo modelo de sociedade, o qual não se define como socialista, e nem como marxista, mas que ainda está sendo construído, ainda está *em movimento* por meio da luta dos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

trabalhadores do país, os dirigentes estaduais ainda afirmam que o MST tem como meta alcançar uma sociedade socialista, apesar de estar se aliando ao Estado e ao capital. Ou seja, predomina a teoria marxista no entendimento dos dirigentes estaduais, apenas teoricamente, porque na prática foi constatado um atrelamento ao capital e à burocracia estatal, e não existe consenso entre as lideranças nacionais e estaduais, denotando um ecletismo teórico e a ausência de um parâmetro que norteie a luta do MST.

Politicamente, quando o MST - BA opta pela via parlamentar, afirma que, nesse caso, vai forjando a construção da sua coletividade no cotidiano, no processo histórico. Diferentemente do que ocorre quando um sujeito social opta pelo socialismo, em que tem claramente como forma de luta o enfrentamento direto ao capital por meio da luta classes, sem se preocupar com quem está ocupando os cargos políticos, por que nesse sistema, os trabalhadores e os capitalistas estão em lados opostos. Ao que parece, na Bahia, o MST, ao se inserir nas políticas de Estado, além de ocupar cargos da burocracia estatal, vem buscando mudanças apenas conjunturais, se adentrando e acomodando ao sistema capitalista, na lógica da socialdemocracia, perdendo o seu caráter de movimento revolucionário e ganhando o status de pequeno-burguês.

REFERÊNCIAS

- BOGO, A. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- CALDART, R. S. **Educação em movimento**. Formação de educadores e educadoras no MST. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GARCIA, F. M. **A contradição entre teoria e prática na escola do MST**. 253 p. Tese de Doutorado, UFPR, 2009.
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de: Frank Müller. São Paulo: Martin Claret, 2005.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MARX, K.; ENGELS, Fr. **Manifesto do partido comunista**. Tradução de: Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Princípios da Educação no MST. **Caderno de Educação**, Porto Alegre, nº8, 1995.

_____. Gênese e desenvolvimento do MST. **Cadernos de Formação**, nº 30. São Paulo: Peres, 1990.

_____. **Dossiê MST – escola**. São Paulo: Peres, 2001.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1980.

SANTOS, A. R. dos. **“Ocupar, resistir e produzir, também na educação!” O MST e a burocracia estatal: negação e consenso**. Tese de doutorado. FAE/UFMG, 380 p. 2013.

STÉDILE, J. P. **A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda**. São Paulo, Expressão Popular, 1993.

VENDRAMINI, C.; MACHADO, I. F. (Orgs.) **Escola e movimento social: a experiência em curso no campo brasileiro**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.